

[Oracula, São Bernardo do Campo, 4.7, 2008]
ISSN 1807-8222

CIÊNCIAS SOCIAIS, TEORIA LITERÁRIA E O EVANGELHO DE MATEUS

História da pesquisa européia e norte-americana

João Cesário Leonel Ferreira^{*}

Resumo

O artigo apresenta a história da pesquisa do Evangelho de Mateus, focalizando especificamente as contribuições advindas das ciências sociais e da teoria literária, circunscritas temporalmente ao século passado e início deste. Geograficamente, analisa os estudos desenvolvidos na Europa e nos EUA.

Palavras-chave: Evangelho de Mateus; metodologia; ciências sociais; teoria literária.

Abstract

The article presents the history of the research of the Gospel of Matthew, specifically focusing on the contributions of the social sciences and literary theory, temporally limited to the last century and beginning of this. Geographically, discusses the studies developed in Europe and USA.

Keywords: Gospel of Matthew; methodology; social sciences; literary theory.

^{*}Bacharel em Teologia, mestre em Ciências da Religião com concentração em Bíblia pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor no Seminário Presbiteriano do Sul, Campinas/SP e no Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper, Instituto Presbiteriano Mackenzie, São Paulo.

Introdução

Mateus é o evangelho mais lido e estudado da história do cristianismo. Não seria exagero afirmar, inclusive, que ajudou a formatar o movimento em seus primórdios. No entanto, com o desenvolvimento do criticismo bíblico do Novo Testamento a partir do século XVIII, principalmente centrado na “questão sinótica”, que promovia Marcos ao posto de evangelho canônico mais antigo, destronando Mateus, este evangelho entrou em um movimento descendente de interesse rumo ao ostracismo – situação que foi corroborada com o qualificativo de “evangelho conservador” pelo modo como fez uso das fontes e por preterir emoções e dúvidas presentes no Jesus marcano, criando uma cristologia por demais divina. Ademais, Mateus foi tido como um evangelho extremamente eclesiástico pela ênfase catequética atribuída aos ensinamentos de Jesus. Diante disso, Marcos, com seu estilo vívido de narração, alcançou ampla preferência dos estudiosos.

Frente às cores deste quadro, pode-se perguntar pela relevância em estudar o evangelho de Mateus na atualidade. Este artigo, sem deixar de reconhecer a contribuição dos estudiosos de Mateus de gerações passadas, centra sua atenção em métodos mais recentes elaborados sobre o evangelho de Mateus, situados entre as últimas décadas do século XX e o início deste, que indicam a revitalização dos estudos mateanos e sua contribuição para a pesquisa acadêmica. Serão abordados especificamente os métodos sob influência das ciências sociais e da teoria literária.

A escolha pela Europa – principalmente Inglaterra e Alemanha – e Estados Unidos se justifica por serem o continente e, fora dele, o país, respectivamente, a apresentarem pesquisas no campo bíblico em maior amplitude e, no caso específico do tema deste artigo, sobre o evangelho de Mateus. O que se faz fora destes círculos ainda depende e desenvolve-se, em grande parte, em função das direções tomadas neles. Tal opção corre o risco de ser simplista e de incorrer em injustiças, visto que existem exceções que deveriam ser consideradas, as quais, contudo, não caberão em uma breve apresentação da história da pesquisa do evangelho e de sua leitura.

O critério de análise a ser seguido é metodológico, visto que a discussão sobre métodos interpretativos é uma questão central nos estudos sobre Mateus, como diversos autores têm indicado.¹ Os modelos serão analisados a partir de suas características, contribuições e limitações.

¹ Cf. BAUER, David R. The Interpretation of Matthew's Gospel in the Twentieth Century. In: *American Theological Library Association Summary of Proceedings* 42 (1988): 119-145; STANTON, Graham N. *A Gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville/Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1992 e STANTON, Graham N. (ed.). *The Interpretation of Matthew*. 2 ed. Edinburgh: T&T Clark, 1995; SENIOR, Donald. *What Are They Saying About Matthew?*

Opto em não discutir os métodos tradicionais vinculados rigidamente ao historicismo crítico, como a Crítica das Fontes, das Formas e da Redação, não por serem irrelevantes, mas por haver vasto material publicado em português que os apresenta de modo competente.²

1. Ciências Sociais

As ciências sociais aplicadas ao estudo do Novo Testamento não se constituem em método recente. A sociologia já havia sido exercitada pela Crítica das Formas, no início do século XX, por meio de uma abordagem mediada pela sociologia da literatura, que buscava identificar formas ou gêneros literários conforme foram modelados por contextos sociais específicos. No entanto, o surgimento da Crítica da Redação, logo após a Segunda Guerra Mundial, interrompeu os estudos sociológicos, levando os pesquisadores a investir no novo método. O interesse sociológico retornou nos anos 70 do século passado, através das obras pioneiras do norte-americano J. Gager, *Kingdom and Community: The Social World of Early Christianity* (1975) e do alemão G. Theissen, *Soziologie der Jesusbewegung: ein Beitrag zur Entstehungsgeschichte des Urchristentums*³ (1977), tidos como precursores nessa nova fase. Deve-se, no entanto, considerar que os estudos sociológicos e antropológicos dos evangelhos desenvolveram-se de modo mais intenso na década seguinte. A abordagem de textos bíblicos por essa perspectiva tem recebido a nomenclatura generalizante de “exegese sociológica”.⁴

As teorias utilizadas são basicamente antropológicas e sociológicas. Sobre a sociologia, diz Fitzmyer: “Por ter surgido durante um longo período, a Bíblia reflete várias sociedades humanas, ambientes diferentes e condições sociais diversas. Assim, o texto bíblico apresenta traços do complexo social em que nasceu e requer análise sociológica acurada”.⁵

A análise de cunho antropológico se dá essencialmente através da antropologia cultural. De modo geral, pode-se dizer que:

Revised and Expanded Edition. New York: Paulist Press, 1996; AUNE, David E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

² A título de exemplo, remeto o leitor às obras de BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Fr. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 75-108, 171-203 e de FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 1997.

³ Editado no Brasil pela Sinodal em 1989 com o título: *Sociologia do Movimento de Jesus*.

⁴ BARTON, Stephen. Historical Criticism and Social-Scientific Perspectives in New Testament Study. In: GREEN, Joel B. (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 68. Tradução nossa.

⁵ FITZMYER, *A Bíblia na Igreja*, p. 57.

Esta abordagem relaciona-se com a sociológica, mas está interessada em um conjunto mais amplo de fatores da vida humana e comunitária: linguagem, arte, religião, vestuário, costumes folclóricos (celebrações, danças, festas), mitos e lendas. A abordagem antropológica investiga as diferenças entre a vida urbana e a rural e os valores cultivados em diversos tipos de sociedade. Também estuda fatores da existência humana como honra e vergonha, discrição e privacidade, educação e escola, família e lar; as relações entre homens, mulheres e crianças, entre patrões e empregados, proprietários e locatários, pessoas livres e escravos, benfeitores e beneficiários.⁶

No caso específico de Mateus, as abordagens desenvolvidas sob a rubrica das ciências sociais buscam descrever principalmente o contexto no qual o evangelho surgiu e a influência que ele exerce na interpretação do texto. São discutidos igualmente o contexto mediterrâneo do primeiro século d.C. no qual Palestina e Ásia Menor estavam inseridas, bem como a relação entre grupos cristãos e judaicos nessas regiões.

É importante reconhecer que tais métodos, embora introduzam uma perspectiva de análise diferenciada, trabalham a partir de vários elementos estabelecidos pelas metodologias anteriores. Exemplo disso é a discussão acima mencionada a respeito do contexto do cristianismo primitivo, que de forma alguma é privilégio dos pesquisadores atuais. O diferencial está no desenvolvimento das ferramentas, que permite várias correções de percurso na pesquisa.

Exemplo de estudiosos com abordagens antropológicas aplicadas a Mateus são os norte-americanos Bruce Malina e Jerome Neyrey. No livro escrito por ambos, intitulado *Calling Jesus Names: the Social Value os Labels in Matthew* (1988), eles discutem o papel e a importância da nomeação dos personagens no evangelho a partir das práticas presentes na bacia mediterrânea à época. Mais recentemente, em coletânea de estudos sobre o evangelho, a australiana Elaine Wainwright contribui com um artigo no qual, pela utilização de métodos literários e antropológicos, faz a análise dos capítulos 8 e 9 de Mateus⁷, e o canadense Richard S. Ascough, usando abordagem desenvolvida por Malina e complementando com sua própria, estuda a organização da comunidade de Mateus a partir da comparação com as associações voluntárias do período.⁸

⁶ FITZMYER, *A Bíblia na Igreja*, p. 59. Grifo do autor.

⁷ WAINWRIGHT, Elaine. The Matthean Jesus and the Healing of Women. In: AUNE, D. E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*, pp. 74-95.

Em uma perspectiva sociológica, destacam-se os norte-americanos J. Andrew Overman e Anthony J. Saldarini, por construírem uma teoria que consegue interpretar o evangelho em seus aspectos principais. Eles afirmam que vários temas desenvolvidos em Mateus eram, igualmente, importantes para os demais grupos judaicos daquele período. Fundamentam seus trabalhos, em linhas centrais, nas obras do sociólogo Peter Berger⁹, focando o evangelho a partir da sociologia do conhecimento. Para Overman:

Os papéis, padrões de comportamento e as instituições que surgem numa comunidade serão, em grande medida, uma resposta às questões e problemas que a comunidade precisa confrontar regularmente. Esse é o caso da comunidade de Mateus. Boa parte da vida e da realidade refletidas no Evangelho de Mateus foi socialmente construída.¹⁰

São úteis para ele os conceitos sociológicos de “seita” e “sectarismo”. O autor caracteriza os vários grupos judaicos do período em que o evangelho de Mateus foi escrito como “sectários”. Vê a comunidade de Mateus como uma “seita”, “uma minoria no sentido de que é submetida, e geralmente perseguida, pelo grupo no poder”.¹¹ Este seria composto pelas lideranças judaicas que se constituíam no Judaísmo Formativo, responsável pela reconstrução religiosa e social de Israel no final do 1º século d.C. Portanto, é central para Overman a tensão sócio-religiosa na qual a comunidade de Mateus se edifica e se define em oposição ao judaísmo.

Saldarini não considera adequado o uso do termo “seita” para qualificar o grupo mateano, visto que: “Quando são rígida ou estritamente definidas, tais categorias deturpam as provas do texto e produzem interpretações errôneas baseadas em comparações anacrônicas com associações religiosas modernas”.¹² Em seu lugar usa a categoria de “identidade social” para definir o grupo. Lembra:

A teoria da identidade social afirma que a participação no grupo tem primordialmente uma base cognitiva ou de percepção e que essa identidade

⁸ ASCOUGH, Richard S. Matthew and Community Formation. In: AUNE, D. E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*, pp. 96-126.

⁹ Cf. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 2 ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974 e BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. 2 ed. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

¹⁰ OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: o Mundo Social da Comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997, p. 13.

¹¹ OVERMAN, p. 21.

¹² SALDARINI, Anthony J. *A Comunidade Judaico-Cristã de Mateus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 150.

própria é importante por si só. Os grupos perguntam quem eles são antes de perguntar se precisam ou gostam de outras pessoas ou coisas. Assim, se alguém vê a si mesmo como seguidor de Jesus, como membro de Israel e como membro do Reino de Deus, esse auto-entendimento generativo leva a certos tipos de relações, normas, metas, crenças e comportamentos comunais.¹³

Para ele, o grupo mateano, conquanto minoritário e em oposição ao grupo judaico dominante, ainda entende-se dentro do judaísmo. Essa é a tese central de seu livro *A comunidade judaico-cristã de Mateus*. São verdadeiros judeus, identificados pelos compatriotas como membros da comunidade judaica. O que os distingue dos demais, tornando-os dissidentes, é sua crença em Jesus como Filho de Deus e Messias de Israel.¹⁴ Saldarini define a situação sociológica do grupo:

Do ponto de vista da teoria da dissidência, o grupo de Mateus ou seus sucessores foram engolfados por seu papel dissidente e adotaram a dissidência como “posição dominante”, isto é, como conjunto de valores e características que definiam e controlavam todos os outros aspectos de suas vidas. Em pouco tempo, por causa da rejeição pela maioria da comunidade judaica e da predominância de cristãos não-judeus, muitas comunidades como a de Mateus tornaram-se sociologicamente cristãs, isto é, perderam a identificação com o judaísmo e tornaram-se parte de uma religião concorrente separada.¹⁵

Aquilo que para outros estudiosos é evidência do rompimento com a comunidade judaica, ou seja, os dados do evangelho que manifestam forte oposição do grupo judeu-cristão ao judaísmo de linha farisaica é, para Saldarini, interpretado como uma luta interna dentro do judaísmo entre o grupo dissidente e a maioria judaica.

Outro estudioso contemporâneo que utiliza a sociologia como uma das ferramentas de análise do evangelho de Mateus é o britânico Graham Stanton. Embora sua abordagem não seja exclusivamente sociológica, ele a utiliza para contextualizar o evangelho. Ele compara o evangelho de Mateus e o Documento de Damasco, conhecido desde 1896-1897 e com fragmentos encontrados nas cavernas de Qumran, nas encostas do Mar Morto, em 1947, remetendo-se a comunidades essênias do período em que Mateus foi escrito, propondo que ambos participam do mesmo contexto sectário em conflito com os grupos centrais do judaísmo.

¹³ SALDARINI, p. 153.

¹⁴ Cf. SALDARINI, p. 8.

¹⁵ SALDARINI, pp. 19-20.

Os dois constituem-se em documentos fundantes para suas respectivas comunidades. Defendendo a relevância da comparação entre os dois textos, Stanton afirma: “Uma interpretação particular de ambos escritos é usada para reconstruir o contexto social do qual eles provêm. Essa reconstrução é, então, usada para elucidar os próprios escritos”.¹⁶

O autor justifica o uso da definição do grupo mateano como sectário, alegando que:

O acúmulo de evidência a partir da perspectiva sociológica para ler Mateus como um escrito sectário é forte. O evangelista e seus leitores têm a companhia de outros grupos do judaísmo do primeiro século, especialmente o farisaico (Mt 21.43). O grupo mateano entende-se sob a ameaça de perseguição de seus oponentes (Mt 5.10-12; 10.17; 21.45-5; 22.6; 23.31-5), forma um grupo minoritário e estranho diante do corpo principal judaico e, até certo ponto, diante do mundo gentio (Mt 5.47; 6.7,32; 10.18,22; 18.7; 24.9). Estas são características bem conhecidas dos grupos sectários.¹⁷

A partir das abordagens ao evangelho descritas acima, surgem questões mais específicas que chamam a atenção dos estudiosos de Mateus. Senior avalia que a principal delas, que vem sendo o foco das pesquisas na última década, é a relação entre o evangelho de Mateus e o judaísmo palestinese do 1º século d.C.¹⁸ Para ele, há concordância entre os pesquisadores em que o evangelho possui fortes raízes judaicas, apresentando questões importantes para o judaísmo. A fé em Jesus como o Messias, o intérprete da Torá autorizado por Deus e ressuscitado dos mortos, é a questão básica que compõe a tensão entre a comunidade e o judaísmo.¹⁹

Como consequência de tais postulados, desenvolve-se a discussão que indaga se o grupo de cristãos para quem o evangelho foi escrito ainda pertencia à comunidade judaica ou não. Ela tem-se prolongado, dividindo opiniões, e ainda está distante de chegar a uma conclusão definitiva.²⁰ Senior sumariza a questão:

¹⁶ STANTON, Graham N. *A Gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville/Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1992, p. 89. Tradução nossa.

¹⁷ STANTON, p. 94. Tradução nossa.

¹⁸ SENIOR, Donald. Directions in Matthean Studies. In: AUNE, D. E. (Ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*, p. 7.

¹⁹ Idem, p. 11.

²⁰ Cf. a síntese do assunto apresentada por Senior em *What Are They Saying About Matthew?* Revised and Expanded Edition. New York: Paulist Press, 1996, pp. 10-15.

Os últimos 30 anos de pesquisas sobre Mateus apresentam uma ampla variedade de opiniões acerca do relacionamento do evangelho com o Judaísmo Formativo. Por exemplo, John Meier, seguindo uma proposta tradicional feita a bastante tempo por Poul Nepper-Christensen, continua a defender a opinião de que o autor do evangelho é um gentio, citando o que ele considera uma visão errônea ou desinformada de Mateus a respeito das práticas e comportamentos judaicos. Menos radicais, mas ainda crendo que Mateus rompeu definitivamente com o judaísmo, estão os autores David E. Garland, Douglas Hare, Ulrich Luz, Graham N. Stanton e Georg Strecker. Donald A. Hagner propõe uma visão intermediária, situando a comunidade de Mateus em um tipo de “terra de ninguém” entre o judaísmo rabínico e o cristianismo gentílico, embora ele fale dos judeu-cristãos mateanos tendo consciência de que haviam “rompido com seus irmãos e irmãs descrentes”. A perspectiva de Davies-Allison²¹ apresenta um número crescente de aliados, tais como Daniel Harrington, J. Andrew Overman, e, talvez, o mais enfático, Anthony J. Saldarini.²²

Ligada a essa disputa e ao mesmo tempo propondo uma expansão a ela, é necessário lembrar a relação desse grupo de cristãos com os gentios. De origem judaica, a comunidade de Mateus vê-se num processo histórico, sociológico e teológico cuja inclinação, cada vez mais, tende para os não-judeus. Nesse contexto: “De fato, Mateus e sua comunidade podem ter visto a si mesmos como totalmente marginais – marginais em relação ao resto do Judaísmo e *marginais diante da Igreja que estava se tornando rápida e inevitavelmente gentia em seu caráter*”.²³

As abordagens do Novo Testamento e do evangelho de Mateus, mediadas pelas ciências sociais, apresentam grandes avanços. Um deles é o refinamento de estudos e hipóteses desenvolvidos anteriormente por outros métodos críticos que buscavam descrever o contexto do cristianismo primitivo. Tais estudos, aplicados ao evangelho de Mateus, trouxeram um grau maior de

²¹ Sobre a posição dos autores, Senior já havia mencionado: “A comunidade de Mateus era, na visão de Davies-Allison, incapaz de abandonar o Judaísmo [...] Davies-Allison crêem que a comunidade de Mateus era um grupo judaico-cristão “dissidente” [...] Enquanto eles permaneciam psicológica e espiritualmente “dentro do Judaísmo”, há evidências de que algumas diferenciações estavam se efetivando em relação ao resto do Judaísmo”. Cf. *Directions in Matthean Studies*. In: AUNE, D. E., p. 8. Tradução nossa.

²² *Ibid.*, p. 9-10. Tradução nossa.

²³ SENIOR, *Directions in Matthean Studies*. In: AUNE, D. E., p. 20. Grifo e tradução nossos. Sobre o tema da “marginalidade”, cf. o comentário de CARTER, W. *O Evangelho de São Mateus: Comentário Sócio-Político e Religioso a Partir das Margens*. São Paulo: Paulus, 2002.

objetividade à exegese. Contribuíram também para ampliar o entendimento dos grupos cristãos em seus complexos relacionamentos com o judaísmo do período.

Negativamente, se é que se pode falar nesses termos, devem-se reconhecer os métodos sociológico e antropológico como ferramentas que permitem o entendimento de contextos e circunstâncias, mas não como determinantes do sentido dos textos bíblicos. Os métodos são limitados na medida em que, por meio de elementos não muito claros e muitas vezes secundários fornecidos pelos textos, buscam ler as suas entrelinhas na tentativa de caracterizar a vida, relacionamentos e conflitos dos agrupamentos religiosos. Outra dificuldade metodológica surge decorrente do uso de estruturas sociais modernas para descrever grupos sociais antigos, como aqueles do evangelho de Mateus. Não compreender que o processo e as conclusões derivadas desses métodos são hipotéticos, pode levar a afirmações que carecerão de fundamento.

2. Teoria Literária

A abordagem literária aos textos bíblicos está na base dos métodos exegéticos tradicionais como a Crítica das Fontes, das Formas e da Redação. Entretanto, o emprego da teoria literária com fins especificamente literários surgiu posteriormente. É consenso entre os pesquisadores bíblicos²⁴ que o início desta prática deveu-se à influência do livro *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, do crítico literário Erich Auerbach, publicado na Alemanha em 1946. Neste sentido, foram primordiais seus dois primeiros capítulos que apresentam, respectivamente, uma comparação das narrativas do Antigo Testamento com as de Homero e uma descrição realista de figuras dos evangelhos provindas do cotidiano, em oposição ao estilo retórico clássico.

À ênfase dada por Auerbach às estratégias pelas quais o texto constrói seu sentido os biblistas uniram a metodologia do Novo Criticismo anglo-americano. Massaud Moisés define a escola:

Na verdade, a expressão *new criticism* engloba críticos e doutrinas nem sempre uniformes ou unânimes. De modo geral, porém, concordam com os seguintes quesitos: o texto literário deve ser encarado como um objeto em si, de maneira tal que a análise se concentre nos seus elementos constituintes (*close reading*), ou

²⁴ Cf. CULPEPPER, Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel: A Study in literary design*. Philadelphia: Fortress Press, 1983, p. 10; POWELL, Mark Allan. *What is Narrative Criticism?* Minneapolis: Fortress Press, 1990, p. 4; STIBBE, Mark W. G. *John as Storyteller: Narrative Criticism and the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1994, p. 6; ALTER, Robert; KERMODE, Frank. Introdução Geral. In: ALTER, R. & KERMODE, F. (eds). *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 14; BEAL, T. K.; KEEFER, K. A.; LINAFFELT, T. *Literary Theory, Literary Criticism, and the Bible*. In: HAYES, John H. (ed.). *Dictionary of Biblical Interpretation*. Nashville: Abingdon Press, 1999, v. K-Z, pp. 82-83.

seja, na sua linguagem, entendida como uma “estrutura de significados” (análise semântica); interessa-lhes detectar a “tensão”, a “ironia”, o “paradoxo”, o “simbolismo”, a “ambigüidade”, a “estrutura dramática”, em suma, o caráter “ontológico” do texto. Desprezam a classificação dos gêneros e as aproximações críticas propostas pela Sociologia, a Ética, a Filologia, a História etc.²⁵

A utilização do Novo Criticismo na análise de textos bíblicos é reconhecida pelos exegetas usuários da teoria literária²⁶, embora afirmem que se deve superar seu radicalismo anti-histórico, buscando agregar à análise literária os dados históricos e sociológicos presentes nos textos escriturísticos. Entretanto, é necessário levar em conta que essa interação nem sempre é efetivada.

São igualmente influentes para a busca da construção metodológica os teóricos norte-americanos Wayne Booth e Seymour Chatman²⁷, principalmente o segundo. Eles pretendem identificar os meios pelos quais o autor se relaciona com o leitor, desenvolvendo as categorias de autor e leitor reais, autor e leitor implícitos, narrador e narratário, ponto de vista, texto e narrativa. Importantes também são as categorias de “história²⁸ e discurso”.

História refere-se ao conteúdo da narrativa [...] Uma história apresenta os seguintes elementos: eventos, personagens, cenários, e a interação entre eles compreende o que nós chamamos de trama. *Discurso* diz respeito à retórica da narrativa, como a história é contada.²⁹

Definidas as principais influências do campo literário nos estudos bíblicos, anota-se agora como os estudiosos do Novo Testamento se apossaram das teorias e práticas literárias, operando adaptações terminológicas para sua área de pesquisa.

²⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 124. Grifo do autor.

²⁶ Cf. PETERSEN, Norman R. *Literary Criticism for New Testament Critics*. Philadelphia: Fortress Press, 1978, pp. 24-25 e POWELL, *What is Narrative Criticism?*, pp. 4-5.

²⁷ Com os livros *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Editora Arcádia, 1980, escrito originalmente em inglês em 1961 e *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*, Ithaca: Cornell University Press, de 1978, respectivamente.

²⁸ Neste trabalho faz-se a opção por traduzir “story”, conforme consta nos textos em língua inglesa, por “história”.

²⁹ POWELL, *What is Narrative Criticism?*, p. 23. Grifo do autor, tradução nossa.

Para entender melhor os métodos utilizados, Powell, seguindo categorizações elaboradas por M. H. Abrams³⁰, define quatro tipos de crítica literária:

1. *Tipos expressivos* de criticismo são autor-centrados e tendem a avaliar uma obra em termos de sua sinceridade e adequação com que expressa a visão e temperamento de seu escritor.
2. *Tipos pragmáticos* de criticismo são leitor-centrados e vêem a obra como algo que é construído para alcançar um efeito particular em sua audiência; a obra é avaliada segundo seu sucesso em atingir seu objetivo.
3. *Tipos objetivos* de criticismo são texto-centrados, vendo o produto literário como um mundo auto-suficiente em si mesmo. A obra deve ser analisada segundo critérios intrínsecos, tais como a inter-relação dos elementos que a compõem.
4. *Tipos miméticos* de criticismo vêem a obra literária como um reflexo do mundo exterior ou da vida humana e a avaliam em termos da autenticidade ou exatidão de sua representação.³¹

Em seguida, sintetiza como os biblistas fazem uso dessas variantes da crítica literária:

A nova crítica literária que tem invadido os estudos bíblicos em anos recentes é atualmente uma incursão de métodos que se constroem a partir de outros tipos de crítica literária, ou seja, abordagens texto-centradas (objetivas) e leitor-centradas (pragmáticas).³²

Exemplos desses métodos são, para ele, o Estruturalismo e a Crítica Narrativa, como texto-centrados; a Crítica Retórica, na medida em que busca despertar a reação do leitor, e a Crítica da Resposta do Leitor, como leitor-centradas.

Interessa para este trabalho a Crítica Narrativa, pois é o método mais utilizado nas análises de Mateus.³³ Convém lembrar que a terminologia é estranha aos críticos literários. Powell comenta:

³⁰ Na obra *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*. Oxford: Oxford University Press. 1971, pp. 8-29.

³¹ POWELL, *What is Narrative Criticism?*, p. 11. Grifo do autor, tradução nossa.

³² POWELL, *What is Narrative Criticism?*, p. 19. Grifo do autor, tradução nossa.

³³ Dentro dos estudos de cunho estruturalista, destaca-se apenas o comentário de Daniel Patte, escrito em 1987: *The Gospel According to Matthew: A Structural Commentary on Matthew's Faith*. Philadelphia: Fortress. Exemplo da aplicação dos princípios da crítica da resposta do leitor, ainda que de modo rudimentar, é o pequeno comentário de EDWARDS, R. A. *Matthew's Story of Jesus*. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

A pesquisa literária secular não conhece o movimento da *crítica narrativa* [...] este movimento desenvolveu-se no campo dos estudos bíblicos sem uma exata contrapartida no mundo secular. Se classificada pelos críticos seculares, ela poderia ser vista como uma sub-espécie da crítica da nova retórica ou como uma variedade do movimento da resposta do leitor. Biblistas, contudo, tendem a definir a crítica narrativa como um movimento paralelo aos outros e independente em seus próprios termos.³⁴

De fato, mesmo propondo a Crítica Narrativa como um método “texto-centrado”, Powell reconhece, como fariam, segundo ele, os críticos seculares, que: “O objetivo é determinar os efeitos que se espera exerçam as histórias sobre sua audiência”.³⁵ Portanto, ela contém em si uma inclinação para a retórica e também para os métodos voltados para o leitor como participante da construção do sentido do texto. Bauer oferece uma definição da Crítica Narrativa que é útil para esclarecer o método:

Nos últimos vinte anos um novo modo de ler e entender as narrativas dos evangelhos tem surgido com toda força dentro da pesquisa do Novo Testamento. Esta nova abordagem é usualmente intitulada de “crítica literária” ou “crítica narrativa”. Embora a crítica literária assuma muitas formas específicas, ela sempre apresenta as seguintes características: (1) um foco sobre a forma final do texto, sem (uma imediata) preocupação com fontes ou tradições que estão por trás do texto final; (2) uma tentativa de obter sentido da própria história, ao invés de usá-la como um meio para reconstruir elementos que estão fora dela mesma, sejam eles eventos históricos para os quais a história poderia apontar, ou a mente do escritor que originalmente escreveu a história; (3) um exame nos mecanismos pelos quais as características retóricas presentes na história comunicam sentido ao leitor.³⁶

Embora Bauer destoe dos demais estudiosos já mencionados ao identificar Crítica Literária com Crítica Narrativa, sua definição é bastante esclarecedora. Inicialmente por enfatizar, corretamente, que o método é sincrônico, trabalhando principalmente com o texto em seu próprio mundo,

³⁴ POWELL, *What is Narrative Criticism?*, p. 19. Grifo do autor, tradução nossa.

³⁵ Idem. *Narrative Criticism*. In: GREEN, Joel B. (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, p. 239. Tradução nossa.

³⁶ BAUER, David R. *The Interpretation of Matthew's Gospel in the Twentieth Century*. In: *American Theological Library Association Summary of Proceedings* 42 (1988): 140. Grifo do autor, tradução nossa.

algumas vezes preterindo elementos históricos e sociais que poderiam esclarecê-lo. Também por concordar com as colocações anteriores ao reconhecer que o método é texto-centrado e, ao mesmo tempo, tem um pé colocado junto ao leitor, por meio de estratégias retóricas. Vê-se nesta descrição como a Crítica Narrativa se aproxima do Novo Criticismo. Não é possível negar que o segundo foi o progenitor metodológico do primeiro.

A Crítica Narrativa foi aplicada ao evangelho de Mateus principalmente pelo norte-americano Jack Dean Kingsbury. Inicialmente adepto da Crítica da Redação,³⁷ a partir da década de 1980 voltou-se para a análise literária do evangelho. Produziu diversos artigos, especialmente sobre o evangelho de Mateus³⁸ e em seu principal trabalho, *Matthew as Story*, o autor afirma o uso das teorias de S. Chatman e descreve sua abordagem ao evangelho:

Aproximar-se do evangelho de Mateus como uma unidade narrativa [...] significa concentrar-se na história como ela é narrada. Quando lemos a narrativa mateana, temporariamente abandonamos a realidade do nosso mundo e entramos em outro mundo que é autônomo e que possui suas próprias regras. Esse mundo, que possui seu próprio tempo e espaço, é repleto de personagens e marcado por eventos que, em graus variados, são exaltados ou desprezados de acordo com os sistemas de valores desse mundo. Ao adentrá-lo temos experiências nele, e experimentando-o, saímos e retornamos, talvez mudados, para nosso próprio mundo.³⁹

Criticando o livro, Stanton acusa Kingsbury de utilizar categorias a-históricas, reconhecendo, entretanto, que no último capítulo, “A Comunidade de Mateus”, ele insere elementos de cunho histórico ao descrever o grupo cristão para o qual o evangelho foi escrito.⁴⁰ Para Stanton, é necessário que o estudioso dos evangelhos agregue aos elementos literários de análise um estudo

³⁷ Cf. *The Parables of Jesus in Matthew 13: A Study in Redaction Criticism*. Richmond: John Knox Press, 1969; e *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.

³⁸ Cf. The Figure of Jesus in Matthew's Story: a Literary-Critical Probe. In: *Journal for the Study of the New Testament* 21 (1984): 3-36; The Figure of Jesus in Matthew's Story: a Rejoinder to David Hill. In: *Journal for the Study of the New Testament* 25 (1985): 61-81; The Parable of the Wicked Husbandmen and the Secret of Jesus' Divine Sonship in Matthew: Some Literary-Critical Observations. In: *Journal of Biblical Literature* 105 (1986): 643-655; The Developing Conflict between Jesus and the Jewish Leaders in Matthew's Gospel: a Literary-Critical Study. In: *Catholic Biblical Quarterly* 49 (1987): 57-73; Reflexions on “the Reader” of Matthew's Gospel. In: *New Testament Studies* 34 (1988): 442-460; The Plot of Matthew's Story. In: *Interpretation* 46 (1992): 347-356; The Significance of the Cross within the Plot of Matthew's Gospel: a Study in Narrative Criticism. In: FOCANT, Camille (ed.). *Synoptic Gospels*. Louvain: Leuven Univ. Press, 1993, pp. 263-279; The Rhetoric of Comprehension in the Gospel of Matthew. In: *New Testament Studies* 41 (1995): 358-377.

³⁹ KINGSBURY, Jack Dean. *Matthew as Story*. Philadelphia: Fortress Press, 1986, p. 2. Tradução nossa.

⁴⁰ KINGSBURY, Jack Dean (ed.). *The Interpretation of Matthew*. 2 ed. Edinburgh: T&T Clark, 1995, p. 15.

contextual sério no qual eles se apresentam. Sua crítica indica o perigo do anacronismo, visto que os críticos contemporâneos procuram descobrir nos textos evangélicos técnicas de produção literária que, segundo ele, estão presentes apenas em textos literários modernos e/ou contemporâneos.

Por outro lado, com uma postura oposta a Stanton, Bauer indica que alguns analistas criticam Kingsbury por apresentar, por meio da análise literária, resultados teológicos semelhantes àqueles da Crítica da Redação. A objeção é que o autor trabalha com uma “fachada” crítico-literária para, de fato, usar as ferramentas do método crítico-redacional.⁴¹ Ou seja, se Stanton se opõe a Kingsbury por não considerar as questões históricas, os críticos do outro lado da rua o criticam por fazer uso delas.

Apesar das oposições, Kingsbury tem se mantido em pé e formado discípulos. Dentre eles estão os norte-americanos David R Bauer e Dorothy Jean Weaver. O primeiro escreveu em 1989 o livro *The Structure of Matthew's Gospel: a Study in Literary Design* no qual, como o próprio nome indica, trabalha os aspectos literários da estruturação do evangelho, seguindo de perto as conclusões que seu mestre já havia desenvolvido em trabalhos anteriores. A segunda produziu o texto *Matthew's Missionary Discourse: A Literary Critical Analysis*, em 1990. Nele, vê 9.35-11.1 como unidade literária e estuda o papel desempenhado pelo texto dentro da narrativa do evangelho, propondo a resolução de problemas para os quais a metodologia crítica-histórica não tem oferecido conclusões satisfatórias.

Outros estudiosos dentro desse contexto podem ser citados. O norte-americano Mark Allan Powell, já mencionado neste artigo, produziu o primeiro manual sobre Crítica Narrativa em 1990, *What is Narrative Criticism?*, além de escrever artigos nos quais aplicou a metodologia a textos do evangelho de Mateus.⁴²

⁴¹ BAUER, David R. The Interpretation of Matthew's Gospel in the Twentieth Century. In: *American Theological Library Association Summary of Proceedings* 42 (1988): 141-142.

⁴² Cf. The Plot to Kill Jesus from Three Different Perspectives: Point of View in Matthew. In: *Society of Biblical Literature Seminar Papers* 29 (1990): 603-613; Toward a Narrative-Critical Understanding of Matthew. In: *Interpretation* 46 (1992): 341-346 e Narrative Criticism. In: GREEN, J. B. (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, pp. 239-255.

Merecem citação autores que, embora utilizem a Crítica Narrativa, agregam outros elementos metodológicos em seus trabalhos. Entre eles está o norte-americano David B. Howell. Em seu livro *Matthew's Inclusive Story: A Study in the Narrative Rhetoric of the First Gospel*, de 1990, apresenta uma análise onde, além da Crítica Narrativa, trabalha com um tipo de crítica da resposta do leitor, na qual o texto atua de modo a “incluir” o leitor dentro de um processo de convencimento.

A partir das considerações feitas acima, tornam-se claras as diferenças entre a Crítica Narrativa e os métodos críticos tradicionais. Estes, sob a influência do método Histórico-Crítico, foram usados para descrever processos e momentos históricos anteriores aos textos bíblicos. Deste modo, a Crítica das Fontes pretendia recriar os textos-base dos evangelhos, a Crítica das Formas, identificar a origem social de estruturas literárias, assim como a Crítica da Redação intentava reconhecer como as fontes foram retrabalhadas pelos evangelistas. O objetivo principal era a reconstrução histórica.

Do mesmo modo, os métodos das ciências sociais julgam prioritária para o entendimento do texto a análise de seu contexto, enquanto que os defensores da Crítica Narrativa, se não anulam completamente tais dados por julgá-los irrelevantes, consideram-nos de modo bastante secundário.

Graham Stanton, citado anteriormente, busca uma posição de equilíbrio entre o uso da metodologia crítico-literária e a consideração aos elementos contextuais dos evangelhos. Em um texto de 1992, no qual discute a importância da determinação do grupo para o qual o evangelho de Mateus foi escrito e de seu contexto, faz um balanço:

Quem eram eles? Onde e quando viveram? Quais eram as concepções políticas, culturais e religiosas que moldaram o modo pelo qual entenderam o texto? Eles eram cristãos judeus e gentios que se consideravam como uma seita ou partido dentro do judaísmo? Ou estavam conscientes de uma cisão recente e dolorosa das sinagogas locais? Suas comunidades estavam divididas internamente? [...].

Tais questões têm estado na agenda dos estudantes do evangelho de Mateus. Seu lugar nela, entretanto, tem variado. Críticos da redação e estudiosos que defendem a utilização da história social ou métodos sociológicos colocam essas questões no topo da lista. Críticos literários, de outro lado, dão uma alta

prioridade a uma leitura sensível do próprio texto. Mas muitos críticos literários de Mateus têm rejeitado a abordagem radicalmente a-histórica ou texto-imanente que foi advogada por muitos teóricos da literatura durante o auge do Novo Criticismo nos anos de 1950 e 1960, visão que ainda mantém uma sobrevida nas obras de alguns estudiosos do Novo Testamento [...] se o “criticismo da resposta do leitor” ignora o horizonte de expectativa dos destinatários de Mateus no *primeiro século*, a interpretação se tornará algo como um piquenique – um piquenique no qual o evangelista traz seu texto e nós trazemos nossas idéias sobre ele.⁴³

Talvez nos dias de hoje não se possa concordar totalmente com Stanton quando disse, em 1992, que a perspectiva do Novo Criticismo apresentava apenas uma sobrevida, – os trabalhos de Kingsbury e seus discípulos demonstram que tal ênfase continua operante – mas certamente se deve reconhecer que estava certo ao afirmar que havia, e há, a busca de equilíbrio entre as diversas metodologias que são empregadas no estudo crítico do evangelho de Mateus e que apresentam uma tensão imanente em sua relação. Nesta linha se colocam os autores W. D. Davies, inglês, e Dale C. Allison, norte-americano, no primeiro volume do comentário ao evangelho, ao construírem uma análise da relação entre os métodos Histórico-Crítico e Literário. Os autores reconhecem as contribuições que a análise literária trouxe para os estudos de Mateus, visto que o trabalho centrado no texto dos evangelhos, e não apenas em seu contexto, o aproxima dos leitores e aponta para uma ênfase maior no caráter comunicativo do texto. Vêm positivamente a demanda de que é necessário permitir que o texto fale por si mesmo. Partindo da análise do texto, que apresenta uma diversidade de gêneros literários, comentam:

De tudo que foi dito, conclui-se que nenhum método deveria ser usado exclusivamente: a multiplicidade de gêneros em Mateus exige flexibilidade no método e no objetivo. Nenhuma abordagem ou objetivo deveria possuir o monopólio: cada um deles necessita do estímulo dos outros. Muitos, se não a maioria dos estudiosos da literatura e estruturalistas, por exemplo, reconhecem a necessidade e a importância de agregar a abordagem histórica à sua própria. E a crítica bíblica, desde seu início, tem frequentemente utilizado os métodos histórico-críticos e literários simultaneamente.⁴⁴

⁴³ The Communities of Matthew. In: *Interpretation* 46 (1992): 379-380. Grifo do autor, tradução nossa.

⁴⁴ DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. *The Gospel According to Saint Matthew: Introduction and Commentary on Matthew I-VII*. Vol. 1. Edinburgh: T & T Clark, 1988, p. 3. Tradução nossa.

Exemplo prático da tentativa de integração entre métodos é o livro de Sean Freyne, biblista irlandês, especialista em estudos do Novo Testamento e de sua relação com os contextos histórico e social do período. Entre suas obras interessa o livro *A Galiléia, Jesus e os evangelhos*, publicado originalmente em 1988. Se em geral os estudiosos estão divididos entre a análise sociológica/antropológica e a literária como posições praticamente opostas, Freyne estuda a Galiléia, região onde Jesus desenvolveu a maior parte de seu ministério, unindo os dois métodos com o objetivo de identificar influências exercidas pela região na vida de Jesus Cristo. Para tanto, analisa não somente os evangelhos sinóticos⁴⁵, mas também o de João. Reconhece a dificuldade de tal empreitada em virtude da aparente oposição entre os métodos empregados⁴⁶, mas (e aí se situa o centro de sua contribuição) inicia o livro com a descrição do trabalho literário dos evangelistas sob “a possibilidade de que alguns traços realistas das dimensões narrativas em nossos textos forneçam uma contribuição real para recuperar o verdadeiro mundo pressuposto atrás desses textos”⁴⁷, entre eles os dados relativos à Galiléia.

Seu ponto de partida é a narrativa evangélica, visto que ela apresenta um volume de dados considerável a respeito da região, mais do que outros documentos. Portanto, é razoável que ele comece do concreto e caminhe em direção ao abstrato, isto é, tome as narrativas como material de trabalho para, a partir delas, propor uma reconstrução do mundo social da Galiléia. Para tanto, divide o livro em dois grandes blocos. A primeira parte intitula-se “Enfoques Literários”. Nela, explica Freyne,

[...] propõe-se jogar o jogo do texto – usando a expressão de Hans Georg Gadamer – guiado por uma abordagem que prestará atenção aos conceitos de autor implicado, narrador, narratêia [sic] e leitor ideal, não para um tratamento completo dos textos evangélicos a partir da resposta do leitor, mas para se lembrar conscientemente de que, como narrativas, são narrações em vez de demonstrações.⁴⁸

Na segunda metade, nomeada de “Investigações Históricas”, procura complementar a análise por intermédio da abordagem sociológica. Anteriormente, o autor já havia reconhecido que: “Talvez

⁴⁵ O evangelho de Mateus é estudado especificamente nas páginas 68-83.

⁴⁶ FREYNE, Sean. *A Galiléia, Jesus e os Evangelhos: Enfoques Literários e Investigações Históricas*. Tradução de Tim Noble. São Paulo: Loyola, 1996, p. 16.

⁴⁷ FREYNE, p. 20.

⁴⁸ FREYNE, p. 32.

os evangelhos não explicitem todos os elementos de um sistema social completo [...]; apresentam, todavia, um mundo social coerente, por mais seletivo que cada escritor tenha sido”.⁴⁹ Agora, a partir dos dados obtidos pela análise literária, fará uma complementação com o estudo sociológico. O objetivo, então, é explicitado:

Nossa tarefa neste capítulo é avaliar estas representações [representações literárias da Galiléia desenvolvidas na primeira parte] e pressupostos à luz daquilo que se pode reconstruir da Galiléia real do século I, com base nos dados documentais disponíveis, incluindo, claro, os próprios evangelhos.⁵⁰

De modo mais específico, faz a correlação entre as duas divisões do livro, na medida em que a primeira parte constrói o caminho a ser percorrido pela segunda:

Os assuntos que emergiram na nossa leitura dos evangelhos podem ser resumidos da seguinte maneira: 1) Político – quem controlava a vida na Galiléia?; 2) Organizacional – dentro de que tipo de limites passavam os galileus a sua vida?; 3) Econômica – quem possuía os recursos e que efeito tinha isso na vida dos demais habitantes da província?; 4) Cultural – que valores, pressupostos e atitudes determinaram o *ethos* Galileu?⁵¹

É necessário reconhecer o esforço de Freyne em busca da junção de métodos. Mas deve-se igualmente anotar que o objetivo principal é a descrição social da Galiléia. Seu trabalho apresenta elementos de análise literária que são úteis para os estudiosos das narrativas evangélicas. Mas a pesquisa ainda carece de obras que foquem de modo central a teoria literária e que incorporem, de modo sadio e integrado, os instrumentos das ciências sociais em sua análise.

Conclusão

Este artigo não pretende resgatar o status de primeiro evangelho para Mateus como forma de oposição à contribuição que os estudos críticos trouxeram para o entendimento de cada evangelho e da relação mútua entre eles. O que se quer é indicar que os estudos sobre Mateus não repousam em um limbo acadêmico. Pelo contrário, há pesquisadores que desenvolvem novas abordagens extremamente instigantes e que discutem o texto evangélico a partir de territórios praticamente inexplorados.

⁴⁹ FREYNE, p. 34.

⁵⁰ FREYNE, p. 121.

⁵¹ FREYNE, p. 122. Grifo do autor.

O estudo focou contribuições metodológicas específicas, como aquelas advindas das ciências sociais e da teoria literária. Elas estão presentes em trabalhos elaborados na Europa e Estados Unidos da América, devendo ser estudados os reflexos sobre a produção acadêmica em nosso país em um próximo artigo.

Obviamente há outros espaços a serem descobertos e ocupados nos estudos do evangelho de Mateus. Tal consciência apenas ratifica o fato de que o evangelho possui um repertório praticamente inesgotável de possibilidades de abordagens, sentidos e interpretações. Aos pesquisadores fica a tarefa de identificá-los e agregá-los à história da pesquisa de Mateus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, M. H. *The Mirror and the Lamp: Romantic Theory and the Critical Tradition*. Oxford: Oxford University Press, 1971.

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. Introdução geral. In: ALTER, R. & KERMONE, F. (eds). *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1997, pp. 11-19.

ASCOUGH, Richard S. Matthew and Community Formation. In: AUNE, David E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, pp. 96-126.

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. 4 ed. Tradução de George Bernard Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1998.

AUNE, David E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001.

BARTON, Stephen. Historical Criticism and Social-Scientific Perspectives in New Testament Study. In: GREEN, Joel B. (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, pp. 61-89.

BAUER, David R. The Interpretation of Matthew's Gospel in the Twentieth Century. In: *American Theological Library Association Summary of Proceedings* 42 (1988): 119-145.

_____. *The Structure of Matthew's Gospel: a Study in Literary Design*. Sheffield: Almond Press, 1989 (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 31).

BEAL, T. K.; KEEFER, K. A.; LINAFFELT, T. Literary Theory, Literary Criticism, and the Bible. In: HAYES, John H. (ed.). *Dictionary of Biblical Interpretation*. Nashville: Abingdon Press, 1999, v. K-Z. pp. 79-85.

BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. 2 ed. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985 (Coleção Sociologia e Religião 2).

_____; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. 2 ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1974.

BOOTH, Wayne C. *A Retórica da Ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Editora Arcádia, 1980 (Coleção Artes e Letras).

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução de Fr. Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004 (Coleção Bíblia e História, Série MAIOR).

CARTER, W. *O Evangelho de São Mateus: Comentário Sócio-Político e Religioso a Partir das Margens*. São Paulo: Paulus, 2002 (Série Grande Comentário Bíblico).

CHATMAN, Seymour. *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*. Ithaca: Cornell University Press, 1978.

CULPEPPER, Alan. *Anatomy of the Fourth Gospel: A Study in Literary Design*. Philadelphia: Fortress Press, 1983.

DAVIES, W. D.; ALLISON, Dale C. *The Gospel According to Saint Matthew: Introduction and Commentary on Matthew I-VII*. Vol 1. Edinburgh: T & T Clark, 1988 (The International Critical Commentary).

EDWARDS, Richard A. *Matthew's Story of Jesus*. Philadelphia: Fortress Press, 1985.

FITZMYER, Joseph A. *A Bíblia na Igreja*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Bíblica Loyola 21).

FREYNE, Sean. *A Galiléia, Jesus e os Evangelhos: Enfoques Literários e Investigações Históricas*. Tradução de Tim Noble. São Paulo: Loyola, 1996 (Coleção Bíblica Loyola 18).

GAGER, J. C. *Kingdom and Community: The Social World of Early Christianity*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1975.

HOWELL, David B. *Matthew's Inclusive Story: A study in the Narrative Rhetoric of the First Gospel*. Sheffield: JSOT Press, 1990 (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 42).

KINGSBURY, Jack Dean. *Matthew as Story*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

_____. *Matthew: Structure, Christology, Kingdom*. Philadelphia: Fortress Press, 1975.

_____. Reflexions on "the Reader" of Matthew's Gospel. In: *New Testament Studies* 34 (1988): 442-460.

_____. The Developing Conflict between Jesus and the Jewish Leaders in Matthew's Gospel: a Literary-Critical Study. In: *Catholic Biblical Quarterly* 49 (1987): 57-73.

_____. The Figure of Jesus in Matthew's Story: a Literary-Critical Probe. In: *Journal for the Study of the New Testament* 21 (1984): 3-36.

_____. The Figure of Jesus in Matthew's Story: a Rejoinder to David Hill. In: *Journal for the Study of the New Testament* 25 (1985): 61-81.

_____. *The Parables of Jesus in Matthew 13: A Study in Redaction Criticism*. Richmond: John Knox Press, 1969.

_____. The Parable of the Wicked Husbandmen and the Secret of Jesus' Divine Sonship in Matthew: Some Literary-Critical Observations. In: *Journal of Biblical Literature* 105 (1986): 643-655.

_____. The Plot of Matthew's Story. In: *Interpretation* 46 (1992): 347-356.

_____. The Rhetoric of Comprehension in the Gospel of Matthew. In: *New Testament Studies* 41 (1995): 358-377.

_____. The Significance of the Cross within the Plot of Matthew's Gospel: a Study in Narrative Criticism. In: FOCANT, Camille (ed.). *Synoptic Gospels*. Louvain: Leuven University Press, 1993. pp. 263-279.

MALINA, Bruce J; NEYREY, Jerome H. *Calling Jesus Names: the Social Value of Labels in Matthew*. Sonoma: Polebridge Press, 1988.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

OVERMAN, J. Andrew. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo: o Mundo Social da Comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997 (Coleção Bíblica Loyola 21).

PATTE, Daniel. *The Gospel according to Matthew: a Structural Commentary on Matthew's Faith*. Philadelphia: Fortress, 1987.

PETERSEN, Norman R. *Literary Criticism for New Testament Critics*. Philadelphia: Fortress Press, 1978.

POWELL, Mark Allan. Narrative Criticism. In: GREEN, Joel B (ed.). *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1995, pp. 239-255.

_____. The Plot to Kill Jesus from Three Different Perspectives: Point of View in Matthew. In: *Society of Biblical Literature Seminar Papers* 29 (1990): 603-613.

_____. Toward a Narrative-Critical Understanding of Matthew. In: *Interpretation* 46 (1992): 341-346.

_____. *What is Narrative Criticism?* Minneapolis: Fortress Press, 1990 (Guides to Biblical Scholarship).

SALDARINI, Anthony J. *A Comunidade Judaico-cristã de Mateus*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Bíblia e História).

SENIOR, Donald. Directions in Matthean Studies. In: AUNE, David E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, pp. 5-21.

_____. *What Are They Saying About Matthew?* Revised and Expanded Edition. New York: Paulist Press, 1996.

STANTON, Graham N. *A Gospel for a New People: Studies in Matthew*. Louisville/Kentucky: Westminster/John Knox Press, 1992.

_____. The Communities of Matthew. In: *Interpretation* 46 (1992): 379-391.

_____. (ed.). *The Interpretation of Matthew*. 2 ed. Edinburgh: T&T Clark, 1995.

STIBBE, Mark W. G. *John as Storyteller: Narrative Criticism and the Fourth Gospel*. Cambridge: University Press, 1994.

THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. Tradução de Werner Fuchs e Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal/Vozes, 1989 (Série Estudos Bíblico-Teológicos NT 13).

_____. *Soziologie der Jesusbewegung: ein Beitrag zur Entstehungsgeschichte des Urchristentums*. München: Kaiser 1977.

WAINWRIGHT, Elaine. The Matthean Jesus and the Healing of Women. In: AUNE, David E. (ed.). *The Gospel of Matthew in Current Study*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, pp. 74-95.

WEAVER, Dorothy Jean. *Matthew's Missionary Discourse: A Literary Critical Analysis*. Sheffield: JSOT Press, 1990 (Journal for the Study of the New Testament Supplement Series 38).